

O Extraordinário Homem Invisível

Erick Zickwolff

[Mestre em Turismo pela UFF. Docente da Faetec-RJ. Turismólogo da Prefeitura de Macaé/RJ]

O tempo que passa, não só passa como pesa.
 E a cada dia é mais difícil arrastar minha carcaça.
 Novas dores.
 Velhos amores.
 A visão embaçada.
 Vozes que vêm de longe, de um passado distante, de uma vida acabada.
 Sem fôlego, escorado no poste, me deixo cair sobre a calçada.
 Vejo pernas apressadas.
 Mas ninguém me repara.
 Não se pode perder um instante.
 São todas vidas muito importantes, diferentes da minha.
 Sem lar.
 Sem banho.
 Sem par nem sonho.
 Sem um amigo sequer, a não ser os caninos.
 Vivo por vício e por teimosia, enredado em meus desatinos.
 Esperando chegar um novo dia, esperando um pouco de empatia.
 Me levanto, com minha fome e com os farrapos que mal cobrem o meu corpo.
 Já fui um homem, talvez galhardo.
 Não tenho nome, não me recordo.
 Hoje sou fardo. Para que acordo? Por que insisto? Tudo é sofrível.
 Eu sou incrível, eu sou o extraordinário homem invisível.

.....

Há alguns anos ele podia ser visto pelas ruas da Tijuca. Empurrando um carrinho de compras onde juntava seus pertences (um cobertor cinza puído, uma tigela de plástico, algumas roupas velhas, um farnel de comida, um pente desdentado e outras bugigangas) e no qual amarrava os cordames que serviam de guias aos três vira-latas que o acompanhavam, seus únicos e verdadeiros amigos. Passei muitas vezes por ele e, como a grande maioria das pessoas, jamais lhe dediquei mais que alguns segundos de atenção desinteressada, apenas constatando ali sua presença, sem jamais me aproximar ou tentar qualquer tipo de interação. Ele não tinha um ponto fixo, trocava usualmente de marquise, seja por vontade própria, seja pelo incômodo que sua presença causava nos moradores dos edifícios ou nos lojistas do bairro. É incrível o poder que aquele homem possuía de se desmaterializar.
 Quando era um estorvo, qualquer um era capaz de vê-lo, mas quando se recolhia a um canto indiferente, tornava-se invisível. A única vez que o presenciei pedindo algo a alguém, o fez em nome de seus cães, para que pudesse dar-lhes de comer e beber. Aliás, soube de muitas pessoas interessadas em dar uma vida digna para aqueles cachorros. Mais de uma vez lhe fizeram ofertas, algumas por dinheiro, outras apelando para a sua consciência, para que eles fossem levados das ruas para um lar adotivo, onde poderiam receber alimentação e cuidados adequados. Porém, jamais soube de alguém que lhe

tenha ofertado a possibilidade de ter um lar, onde poderia receber alimentação adequada e um tratamento digno. Não sei, também, qual poderia ser a resposta dele para tal oferta. Um dia, me aproximei no intuito de dar a ele algum dinheiro que pudesse ajudá-lo a se alimentar. Ele agradeceu. Perguntei a ele se estava precisando de algum medicamento ou alguma coisa específica. Ele disse que não. Notei o álcool em seu hálito e pude divisar a pequena garrafa de cachaça, da mais barata e ordinária que se pode comprar em qualquer birosca ou mercado. Fiz sinal de positivo e já ia me afastando quando o ouvi me chamar. Perguntou se eu tinha um cigarro. Disse-lhe que não, que não fumava. Ele sorriu e disse que eu fazia bem. Segui meu caminho, sem olhar para trás. No tempo que levei para chegar até minha casa, cheguei a pensar que, mais do que dinheiro, cachaça ou cigarros, eu poderia oferecer, talvez, um pouco do meu tempo àquele homem. Indagá-lo. Ouvi-lo. Prestar-lhe atenção. Será que ele me diria o que se passou em sua vida? O porquê de estar naquela situação. Se ele possuía família, filhos ou netos. Se ele sabia o que era o amor e se gostava de alguma canção. A cada passo, entretanto, tais pensamentos iam se desvanecendo e, logo, outras questões surgiam e se dissipavam na minha cabeça, assim como desapareceu a imagem daquele sujeito que a vida abandonou assim, sem jeito, sem teto e sem leito. A dispersão das ideias é uma constante na mente que, cotidianamente, se vê submersa na loucura das cobranças, das obrigações e dos desejos. Depois daquele dia, jamais voltei a interagir com aquele homem, porém, pude presenciar um milagre por ele operado. O fato ocorreu apenas alguns meses após nosso brevíssimo encontro. Era por volta das sete horas da manhã de uma terça-feira. Eu estava indo, de ônibus, para uma consulta médica quando vi, olhando para a paisagem através da janela, uma pequena multidão que se aglomerava em frente às portas cerradas de uma loja de departamento. Havia, também, uma viatura da polícia e uma ambulância do corpo de bombeiros, parados ao lado do meio-fio. Reconheci os três cães que agora não estavam mais atrelados ao carrinho de mercado, mas em posse de algumas daquelas pessoas, que os afagavam. O carrinho, aliás, ainda estava lá, entulhado com as costumeiras quinquilharias, com todos os pertences daquele homem. Mas, e ele?

Ele partira. Ali, tombado, jazia apenas seu corpo, inerte.

Nunca tantas pessoas notaram sua presença quanto no momento em que apenas sua ausência era um fato.

Pelas calçadas da vida, assim caminha a humanidade.

■ ■ ■